

RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO

MARINA DE TRÓIA E RESPECTIVAS OBRAS ANEXAS (APARTAMENTOS) DO “TROIARESORT” E NOVO CAIS DOS FERRIES

I. INTRODUÇÃO

A construção de uma Marina em Tróia e respetivas obras anexas do “Troiaresort” (apartamentos da Marina) e do Novo Cais dos Ferries na Península de Tróia, da iniciativa da Imoareia – Investimentos Turísticos, SGPS, S.A., necessitou da realização de um adequado acompanhamento arqueológico. As áreas em questão já tinham sido objeto de prospeção arqueológica, no âmbito do EIA da Marina de Tróia, tendo sido encontrados com provável interesse arqueológico dois pesos de rede e dois fragmentos de cerâmica comum de cronologia incerta (VENTURA & PEREIRA, 2005). Também as prospeções geofísicas e as sondagens arqueológicas realizadas, em 2001, no âmbito dos projetos de construção das vias de acesso ao novo cais dos Ferries e do complexo turístico constituído por bungallows, não revelaram interesse arqueológico. No entanto, e dada a existência de importante jazida romana na mesma Península – Ruínas Romanas de Tróia –, a hipótese de surgirem vestígios daquele período teve de ser colocada.

Assim, os trabalhos de acompanhamento arqueológico das referidas obras decorreram de Fevereiro de 2006 a Junho de 2007. A presente intervenção arqueológica foi realizada pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal com responsabilidade técnico-científica dos arqueólogos Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte, assistidos pela arqueóloga Antónia Coelho-Soares e pelo técnico de arqueologia António Júlio Costa. Participaram, ainda, nos trabalhos desenvolvidos, a arqueóloga Margarida Lopes e a técnica de arqueologia Filipa Escarduça.

II. LOCALIZAÇÃO

Tróia localiza-se na margem esquerda do rio Sado, no distrito de Setúbal, concelho de Grândola, freguesia de Carvalhal (Fig.1). A Península de Tróia, que fecha o estuário do Sado na margem esquerda, é uma restinga arenosa que se enraíza na Comporta e foi formada a expensas do depósito de sedimentos pela corrente de deriva litoral.



Fig. 1 – Localização da Marina de Tróia, obras anexas do “Troiaresort” (apartamentos da Marina) (coordenadas: Latitude 38,493844, Longitude -8,902278) e do novo cais dos Ferries (coordenadas: latitude 38,466006, Longitude -8,864058) na Península de Tróia. C.M.P. Esc. 1/25000. Folhas 454, 455, 465 e 466.

III. MARINA DE TRÓIA E RESPECTIVAS OBRAS ANEXAS DO “TROIARESORT” (APARTAMENTOS DA MARINA)

III. 1. Acompanhamento arqueológico

No âmbito do acompanhamento arqueológico foram realizadas as seguintes atividades: observação das valas destinadas às estruturas em obra; delimitação de zonas de possível interesse arqueológico; recolha de material de interesse arqueológico; escavação manual (quando necessária); registo arqueológico (fotografia e desenho).

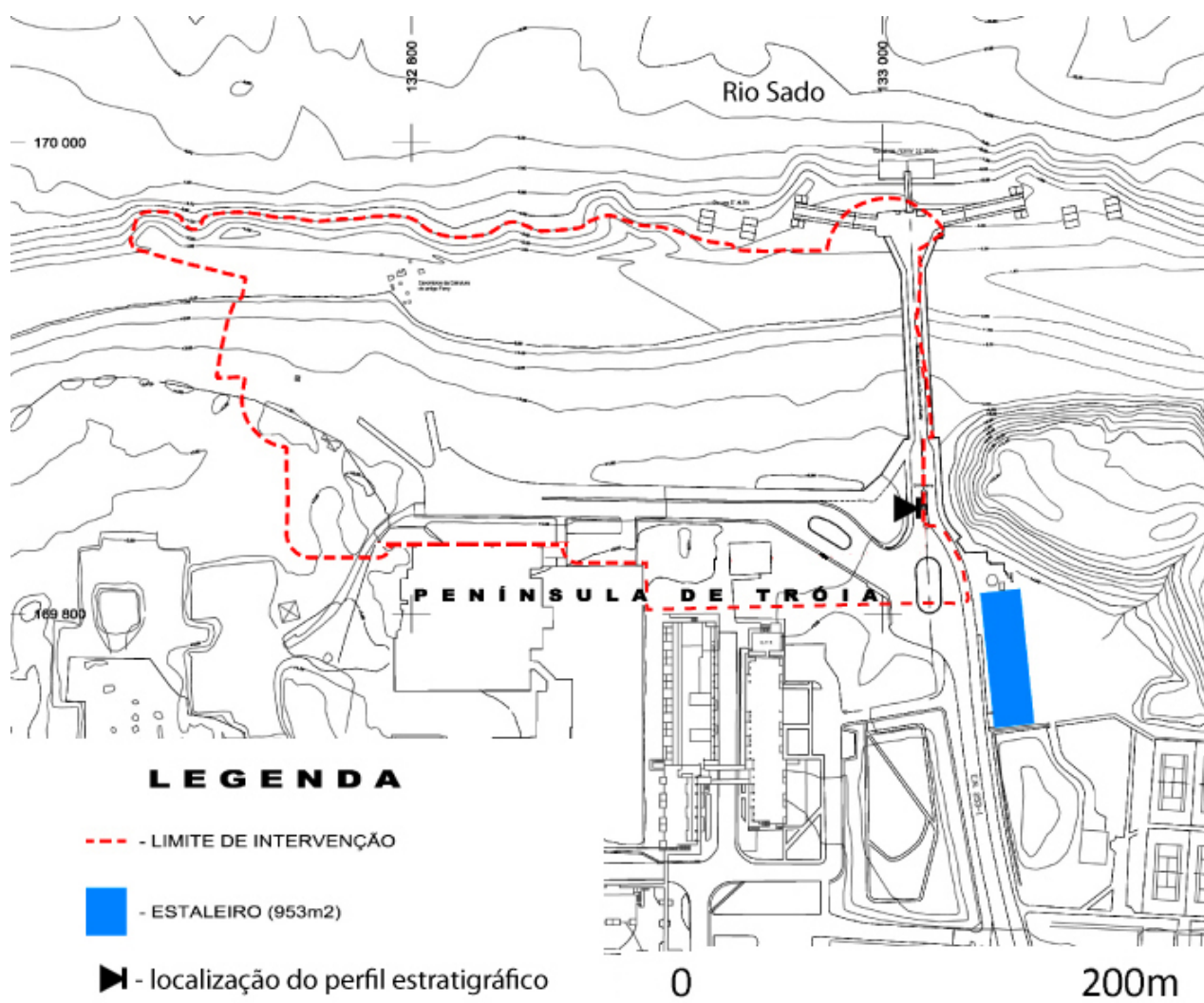


Fig. 2 – Área objeto de acompanhamento arqueológico na marina e nas obras anexas do “Troiaresort”.

Procedeu-se ao acompanhamento das dragagens e de todas as movimentações de sedimentos associados à construção da nova marina e dos apartamentos da mesma, bem como da remoção do solo superficial para instalação do estaleiro e respectivos acessos. Aquando das dragagens os sedimentos foram sendo observados de forma a avaliar a possível existência de vestígios arqueológicos dispersos e/ou de estruturas. Procedeu-se, igualmente, à leitura dos taludes criados, recolha de amostras e obtenção de perfil estratigráfico ilustrativo da evolução paleogeográfica do local no Bloco C dos apartamentos adjacentes à marina. Não foram detectadas quaisquer estruturas que pudessem corroborar a hipótese de ocupação humana nesta área, anterior às construções da segunda metade do século XX.



Fig. 3 – Regularização de taludes para interpretação estratigráfica na área dos apartamentos da marina.



Fig. 4 – Acompanhamento da escavação mecânica na área dos apartamentos da marina.



Fig. 5 – Acompanhamento arqueológico da remoção de sedimentos, por escavação mecânica, na área de implantação da marina.



Fig. 6 – Acompanhamento arqueológico da remoção de sedimentos, por escavação mecânica, na área de implantação da marina.

III. 2. Perfil estratigráfico

No Bloco C dos apartamentos adjacentes à marina de Tróia foi obtido perfil estratigráfico ilustrativo da evolução paleogeográfica do local:

C. 1A – Camada de entulhos constituída por areão amarelado com alguma brita e cimento. Espessura máxima 0,34m.

C. 1B – Camada de entulhos com terra orgânica, alguns lastros, bolsas de entulho e cinzas. Espessura máxima 1m.

C. 2 – Areia fina eólica, arqueologicamente estéril. Espessura máxima 1,60m.

C. 3 – Areias com conchas dispersas de moluscos de fácies marinha, fase transgressiva. Espessura máxima 0,08m.

C. 4 – Areias marinhas arqueologicamente estéreis, fase regressiva. Espessura máxima 1,30m.

C. 5 – Nível conquífero com presença de *Spisula solida*. Espessura máxima 0,10m.

C. 6 – Areias arqueologicamente estéreis. Escavou-se uma espessura 0,45m.

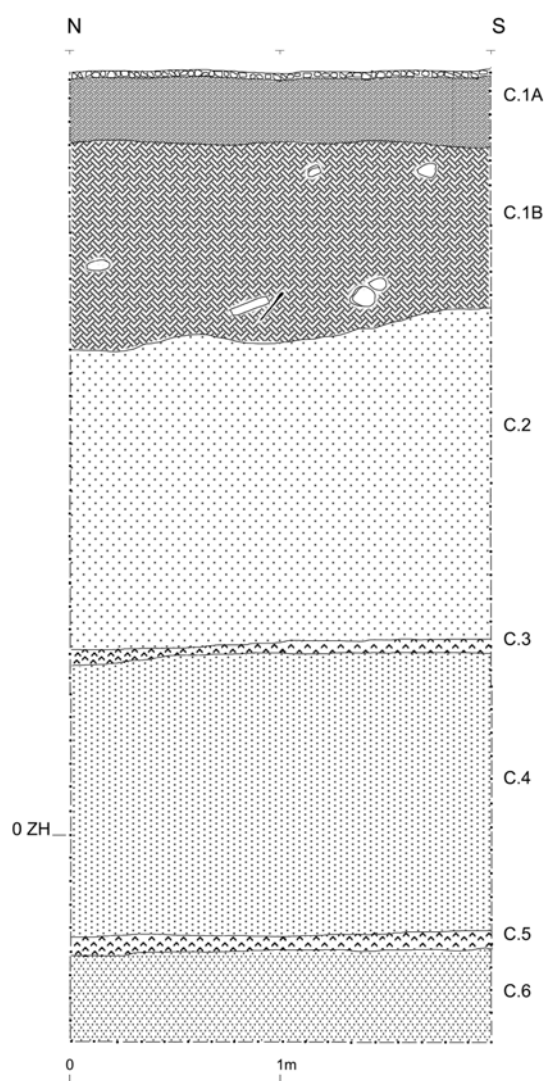


Fig. 7 – Perfil estratigráfico obtido no Bloco C dos apartamentos adjacentes da marina (ver localização na Fig.2). Datação de amostra de conchas da C.5 da espécie *Spisula solida* (Beta 221716).

III. 3. Datação radiocarbónica

O nível conquífero identificado na C.5, da sequência estratigráfica do Bloco C dos apartamentos adjacentes à marina (Figs. 2 e 7), encontrava-se devidamente contextualizado, no processo formativo da Península de Tróia. Neste nível foi recolhida amostra de conchas de *Spisula solida*, cuja datação radiométrica revelou cronologia entre os séculos VIII-XI: Beta 221716 - 1490± 50 BP (calibração a 2 sigma: 790 - 1020 Cal AD).

A presença da espécie *Spisula solida* recolhida na base da duna mostra-nos que esta área se encontrava imersa ainda nos séculos VIII-XI.

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	$^{13}\text{C}/^{12}\text{C}$ Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 221716 SAMPLE : ADOCHE 1 ANALYSIS : AMS-Standard delivery MATERIAL/PRETREATMENT : (shell): acid etch 2 SIGMA CALIBRATION : Cal AD 790 to 1020 (Cal BP 1160 to 930)	1060 +/- 50 BP	+1.3 o/oo	1490 +/- 50 BP

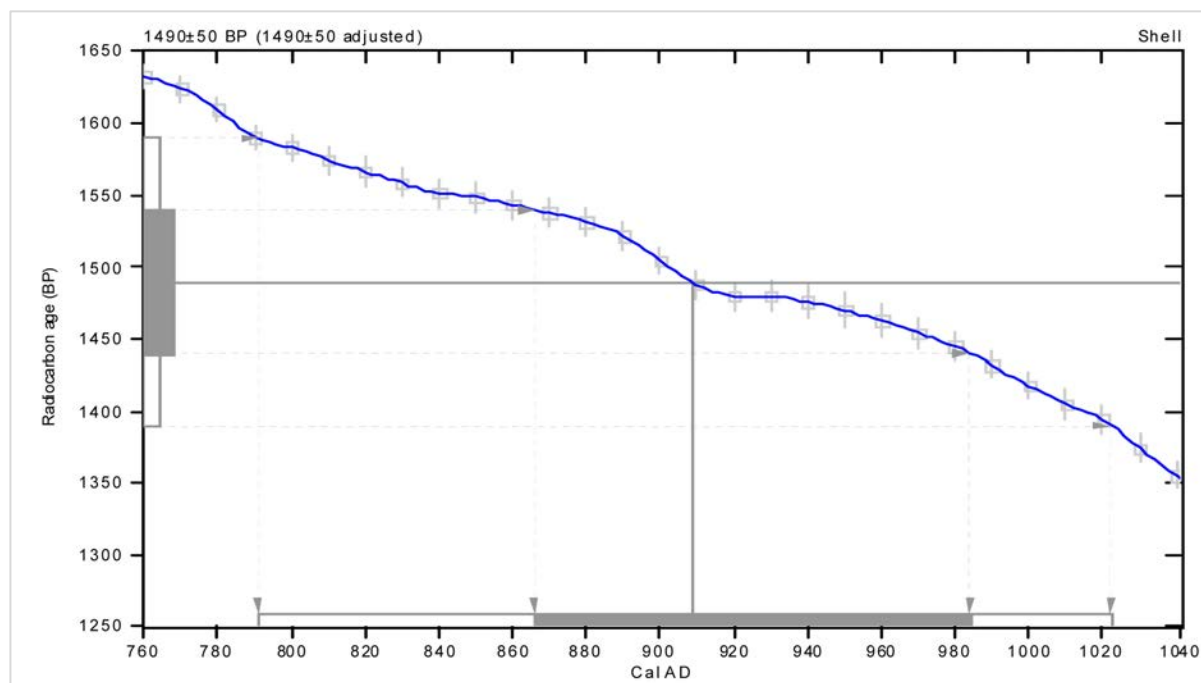


Fig. 8 – Datação radiocarbónica a partir de amostra de conchas de *Spisula solida* proveniente do perfil estratigráfico do Bloco C dos apartamentos adjacentes à marina.

A influência litoral na Comporta reduziu-se visivelmente após o desenvolvimento da barreira de Tróia (Fig.9). “Se ela evoluiu ao longo do tempo como restinga única ou se passou por fases em que existiram pequenas ilhas arenosas alinhadas, é matéria ainda não completamente esclarecida; o último pulso de crescimento da restinga, a sua ponta norte, que diferenciou a depressão da Caldeira, parece ser posterior à ocupação Romana [...] deste cordão arenoso” (FREITAS & ANDRADE, 2008).

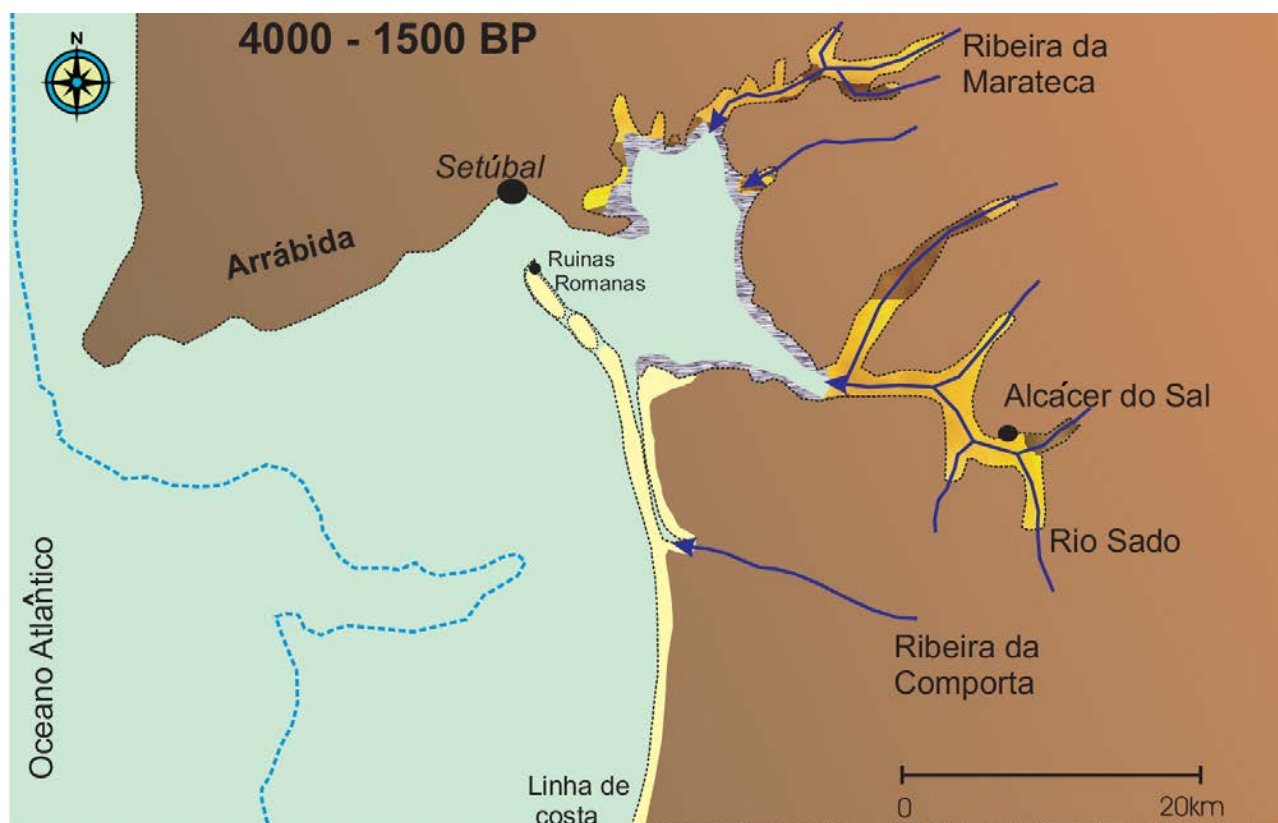


Fig. 9 – Modelo de evolução paleogeográfica do estuário do Sado entre 4000 e 1500 anos BP (Freitas & Andrade (2008) – O estuário do Sado. In *Embarcações Tradicionais. Contexto Físico-Cultural do Estuário do Sado*).

III. 4. Materiais

Não foram identificadas quaisquer estruturas arqueológicas. O espólio encontrado, representado por achados isolados (cerâmica e pesos de rede) mostrou ampla cronologia, desde o período romano à atualidade.

Os materiais mais abundantes recolhidos no acompanhamento arqueológico correspondem a pesos de rede (262 exemplares). O peso de rede nº1 tem paralelos em exemplares provenientes da

escavação arqueológica realizada no Largo João de Deus, em Sines, cronologicamente integrados no período romano (TAVARES DA SILVA & COELHO-SOARES, 2006). O exemplar nº6 apresenta características similares a exemplares que têm vindo sendo exumados da Área Urbana de Setúbal de contextos do século XIV-XV (SOARES, DUARTE & TAVARES DA SILVA, 2005-2007; TAVARES DA SILVA, SOARES & DUARTE, 2004). Os pesos de rede nºs 3 e 4 parecem-nos de cronologia recente, bem como os exemplares nº 2 e 5.

Ainda que de forma residual, foram recolhidos fragmentos rolados de Ânfora Dressel 14 e fragmento de colo de ânfora da Bética do tipo Beltrán II (época romana) e, forninho e haste de cachimbos, de produção holandesa, atribuíveis ao século XVIII.

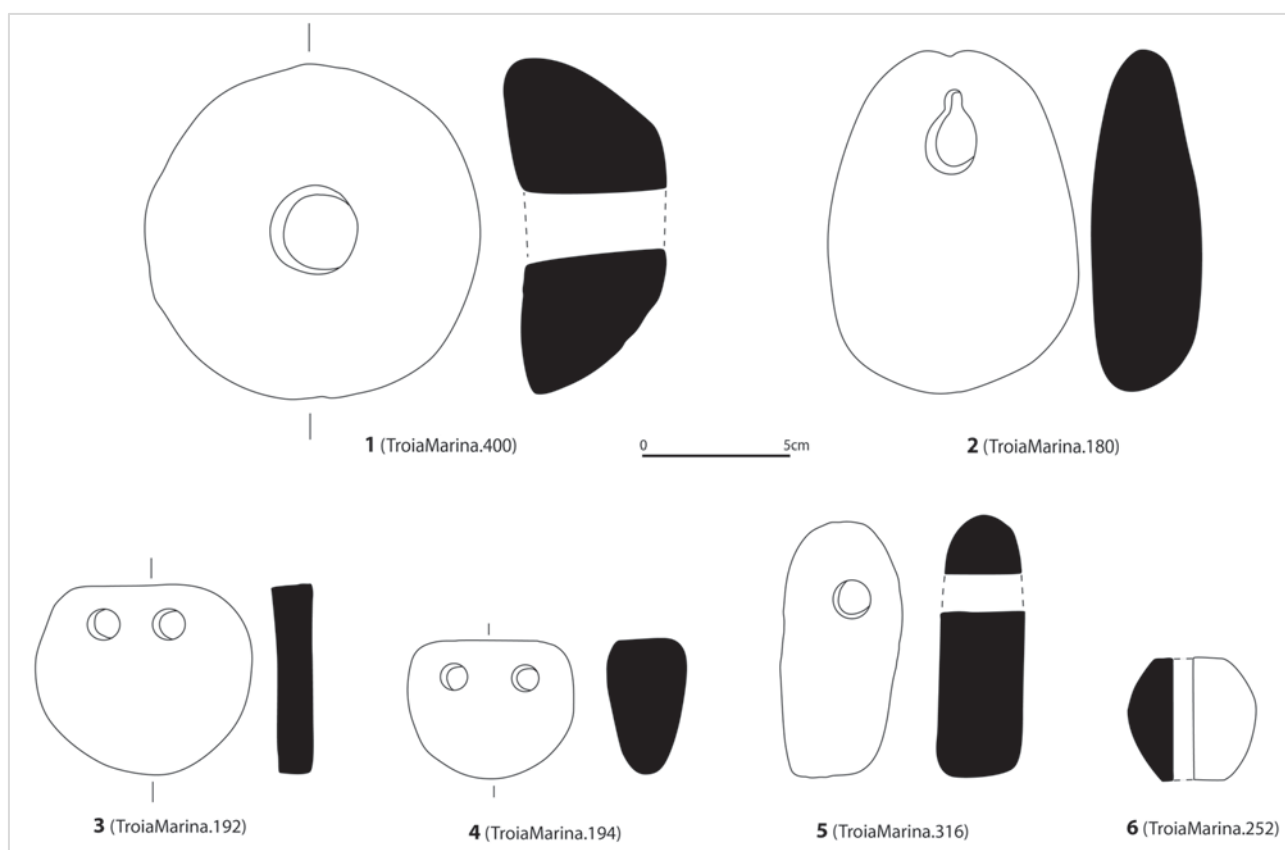


Fig. 9 – Tipologia dos pesos de rede provenientes do acompanhamento arqueológico realizado na área da Marina e dos apartamentos adjacentes.



Fig. 10 – Marina de Tróia (inv. TroiaMarina.1). Cachimbo holandês com o brasão de Gouda encimado por um “S”. A autenticação com o “S” foi introduzida, em 1740, como forma de fazer face a falsas reproduções.

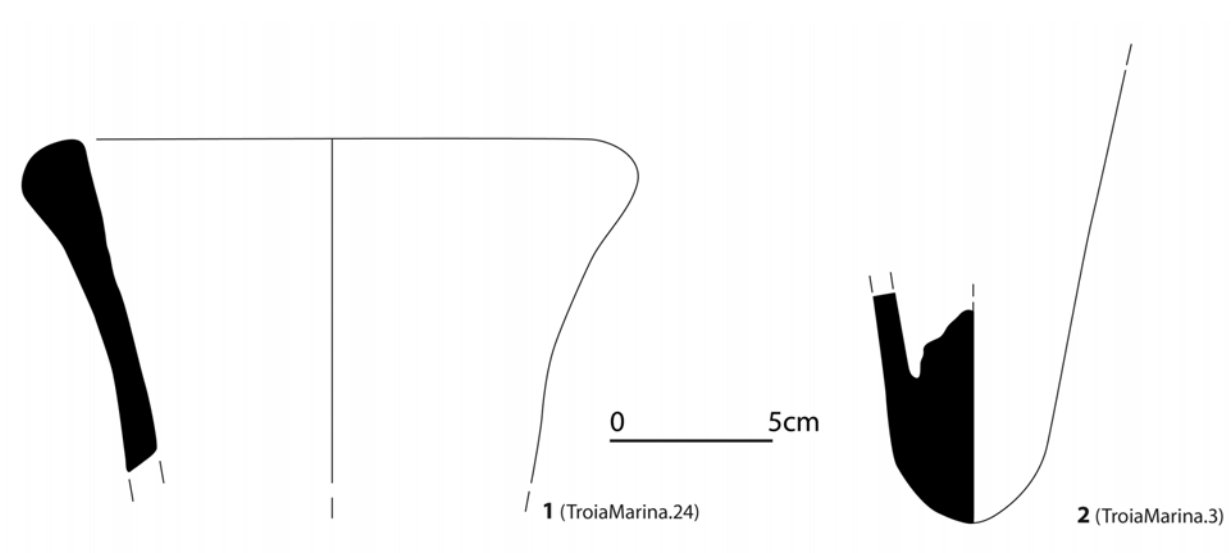


Fig. 11 – Bocal e fundo de ânforas Dressel 14, provenientes do acompanhamento arqueológico na área da marina.

III. 5. Realimentação da praia a montante do pontão da Marina

A excessiva acumulação de sedimentos arenosos, provenientes das dragagens, impôs a necessidade de se proceder à recolocação dos mesmos na zona este do cais de acesso a Tróia, com o máximo de extensão de 400m, por recomendação do ICN e Instituto do Mar.

Estamos perante uma área caracterizada por acumulação de lastros e estacas de madeira resultantes da presença dos trapiches em Tróia (QUINTAS, 1984-1985). Assim, antes de se proceder à realimentação da praia efetuou-se o levantamento topográfico das estacas de madeira que se encontravam na zona que iria ser alvo de intervenção, bem como, ao desenho arqueológico das mesmas e recolhidas amostras para posterior datação e classificação botânica (Figs. 12 e 13). O acompanhamento arqueológico efetuou-se no momento da colocação dos primeiros depósitos de areias sobre os lastros e estacas.

Na sequência dos trabalhos de delimitação das estacas procedeu-se, também, à recolha de uma amostragem de clastos ao longo da zona intertidal. Iniciámos essa recolha aos 170m, a partir do pontão do cais de Tróia, até aos 620m, coincidindo com a entrada da boca da Caldeira. Denotámos uma maior concentração de clastos entre os 200m e os 300m, zona em que se localizavam as estacas de madeira; entre os 375m e os 520m, há rarefação de clastos e a partir dos 520m, os seixos são mais angulosos; aos 570m há grande concentração de xistos e de fragmentos de telha marselha; a cerca de 600m aparecem vestígios de um alinhamento de blocos pétreos. Esta estrutura murária, que avançava sob a duna, poderá relacionar-se com a calheta construída no princípio do século XIX (ver QUINTAS, 1984-1985).

A antiga estrutura portuária de carácter palafítico agora identificada parece corresponder às pontes de madeira construídas em 1714, destinadas aos deslastres das embarcações que do norte da Europa vinham ao Sado carregar sal.

Em 1701, com o pretexto de se estarem a acumular [...] *desmesuradamente as areias na margem direita do Sado, e que deste modo continuaria ainda mais a arruinar-se o porto, ordenou-se, não sem oposição, [...], que o deslastre se fizesse na margem esquerda do Sado, próximo à Ponte de Pharo, local depois chamado de Trapiche.*” (Quintas, p.19). Em 1714 foram construídas longas pontes de madeira, a modo de cais, que entravam pelo mar dentro para que três barcos pudessem descarregar diretamente. Em 1751 foi construída uma casa de apoio aos trapiches, que alojava os guardas e trabalhadores. Este local esteve durante algum tempo abandonado, devido a uma questão de propriedade e administração. Quando retomaram a atividade, por volta de 1819, as duas pontes de madeira já haviam deixado de existir, tendo sido substituídas por uma calheta ou pequeno canal,

terra dentro, que se achava já muito arruinado, onde entravam os barcos que conduziam o lastro e o descarregavam ali sobre um cais (QUINTAS, p.20-21).

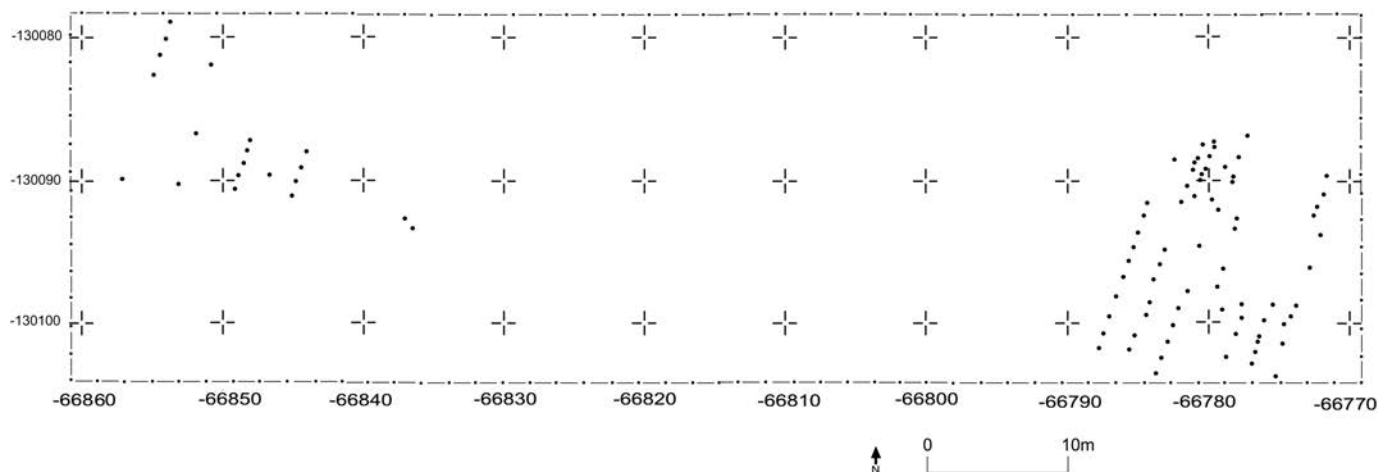


Fig.12 – Localização das estacas de madeira (a vermelho) existente a nascente do antigo Terminal Ferry.

Fig.13 – Estacas identificadas a nascente do antigo terminal Ferry.



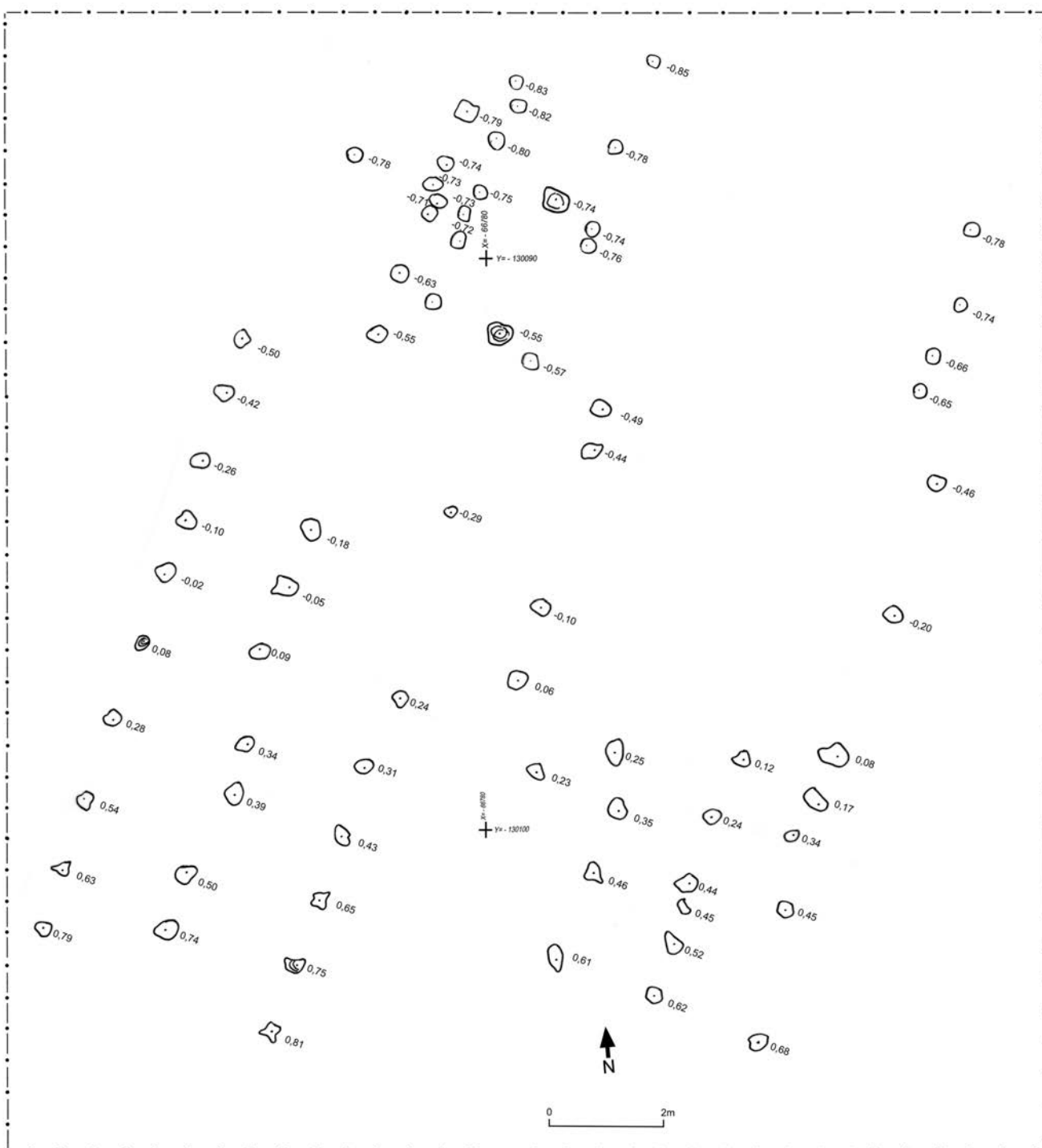


Fig. 14 – Pormenor das estacas identificadas a nascente do antigo terminal Ferry.

Fig.15 – Plano com as estacas identificadas a nascente do antigo Terminal Ferry.



Fig. 17 – Aspecto dos trabalhos desenvolvidos na execução das infraestruturas terrestres de acesso ao cais dos ferries.

V. MEDIDAS DE PROTEÇÃO / CONSERVAÇÃO

No acompanhamento arqueológico da construção de uma marina em Tróia, apartamentos da “Troiaresort” e obras de construção do cais dos ferries não houve afetação ou deslocalização de quaisquer estruturas arqueológicas.

No entanto, considera-se importante ter presente a existência da estacaria identificada a montante da marina e da estrutura murária em futuros trabalhos na área envolvente, assim como preservar a aglomeração de lastros, elementos para a história do salgado do Sado.

VI. DEPÓSITO DO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Os materiais arqueológicos encontram-se em depósito nas reservas do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

VII. BIBLIOGRAFIA

Freitas, M. C.; Andrade, C. (2008) - O estuário do Sado. In *Embarcações Tradicionais. Contexto Físico-Cultural do Estuário do Sado* (J. Soares ed.), p.20-30.

QUINTAS, M. C. (1984-1985) - O sal de Setúbal: a problemática dos Trapiches. *Património*. Setúbal. nº2 (p.18-21), nº 3-4 (p. 20-23).

Rau V. (1984) - A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal - Estudo de História Económica, *Estudos sobre a História do Sal Português*. ed. Presença, Lisboa.

Soares, J.; Duarte, S.; Tavares Da Silva, C. (2005-07) - Sismos e arqueologia urbana. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº. 69, Setúbal. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 83-102.

Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2013) - Economia agro-marítima na Pré-história do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. In J. Soares (ed.), *Pré-história das Zonas Húmidas* (Setúbal Arqueológica, 14), p. 145-169.

Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2006) - Produção de preparados piscícolas na Sines romana. *Setúbal Arqueológica*, 13, p. 101-122.

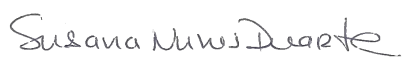
Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Duarte, S. (2004) - Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 1, p. 137-152.

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Cardoso, J.L.; Cruz, C.S.; Carlos A. Sousa Reis, C.A.S. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14c) e paleoambientais, *Arqueologia*, 14, p. 59-82.

Ventura, P.; Pereira, J. (2005) - Estudo de Impacte Ambiental Arqueológico Subaquático da Marina de Tróia (policopiado).

Setúbal, 27 de Janeiro de 2014

Os Arqueólogos



(Susana Nunes Duarte)



(Carlos Tavares da Silva)



(Joaquina Soares)